

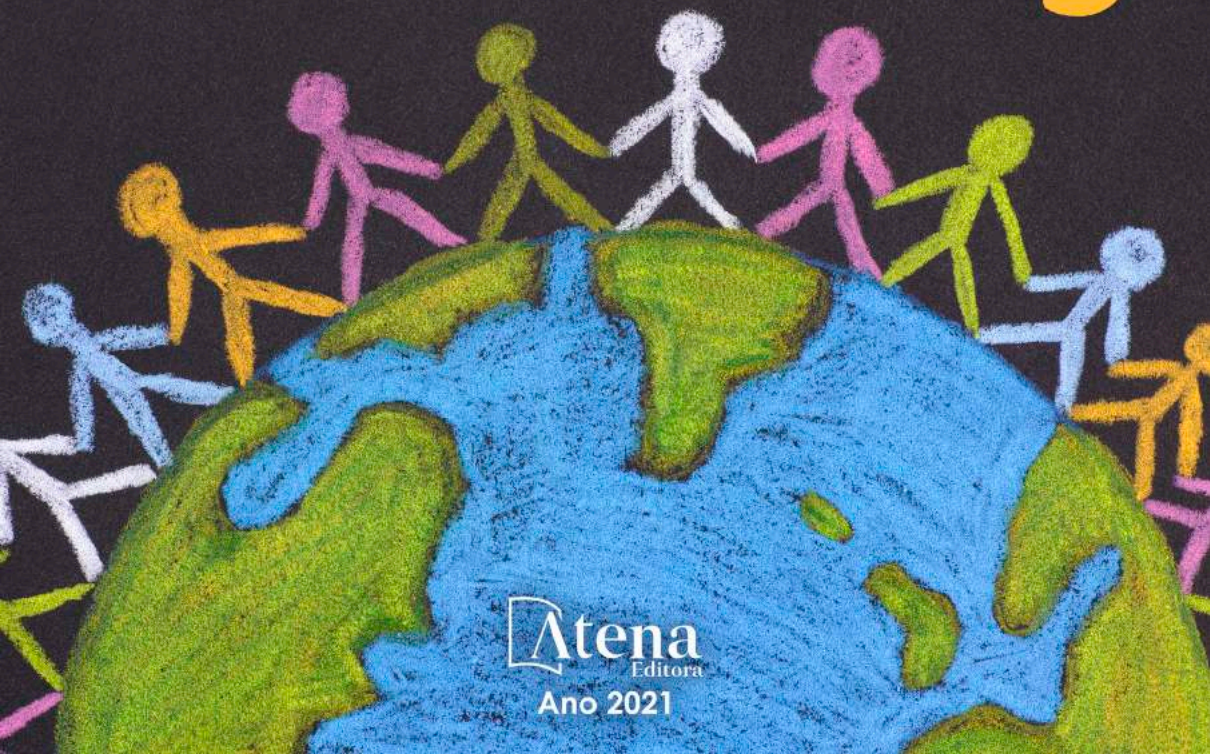
AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

5



Atena
Editora
Ano 2021

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

5



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação enquanto fenômeno social: democracia e emancipação humana 5

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação enquanto fenômeno social: democracia e emancipação humana 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-646-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.468211611>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“Educação enquanto fenômeno social: Democracia e Emancipação Humana”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, a mulher negra, o trabalhador, a juventude rural, os professores em seus diferentes espaços de trabalho, entre outros.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrusa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e emancipação humana.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

USO DE DISPOSITIVOS MÓVILES: ESTUDIANTES Y PROFESORES ANTES Y DURANTE LA PANDEMIA COVID-19

Ana María Soto Hernández


Laura Silvia Vargas Pérez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116111>

CAPÍTULO 2..... 14

A EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DOS MÉTODOS ATIVOS COMO RECURSO PARA INCLUSÃO DE PESSOAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Marlene Betzel Luxinger


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116112>

CAPÍTULO 3..... 31

A (RE) ELABORAÇÃO DOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA NO SERTÃO DE ALAGOAS

Luciene Amaral da Silva

Inalda Maria dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116113>

CAPÍTULO 4..... 43

ROTEIRO DE VIAGEM: UMA INCURSÃO PELO CONHECIMENTO

Vânia Mar da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116114>


CAPÍTULO 5..... 48

A RESISTÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS À NEGAÇÃO DO SEU DIREITO DE SER

Valeria de Fatima Tartare Marassatto

Maria de Fátima Guimarães

Thiago Alexandre Hayakawa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116115>

CAPÍTULO 6..... 61


THE TEACHING OF MATHEMATICS THROUGH MICROPROJECTS. A SEMIOTIC ONTOLOGICAL APPROACH FOR SOCIAL SCIENCES

Alberto Isaac Pierdant Rodríguez

Jesús Rodríguez Franco

Ana Elena Narro Ramírez

Alberto Isaac Pierdant Castellanos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116116>


CAPÍTULO 7..... 73

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DE

NEGROS APÓS A ABOLIÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XIX

Fabiana Silva

Fernando Gaudreto Lamas


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116117>

CAPÍTULO 8..... 79

A TECNOLOGIA DE GROUPWARE COMO RECURSO PARA O PROCESSO DE ESTUDO E PESQUISA NO ENSINO SUPERIOR

Julia Ângela Ramón Ortiz

Jesús Vilchez Guizado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116118>

CAPÍTULO 9..... 92


A FONOAUDIOLOGIA JUNTO A INCLUSÃO DOS SURDOS NA ESCOLA

Alessandra Pantoja Carneiro

Adriana Sá Monteiro

Danielle Basilio dos Santos

Iona Vicente Monteiro Carneiro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116119>

CAPÍTULO 10..... 106

ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS: RECORTE DE UMA PRÁTICA

Geni Rosa de Oliveira

Claudete Casmeschi de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161110>

CAPÍTULO 11 121

CURSO DE PEDAGOGIA: A PRÁXIS NA FORMAÇÃO INICIAL ARTICULADA ENTRE DOCENCIA E GESTÃO EDUCACIONAL


Maria Lucia Morrone

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161111>

CAPÍTULO 12..... 130

GÊNERO E ENEM: UMA PERSPECTIVA FORMATIVA SOBRE A AVALIAÇÃO DO ENSINO MÉDIO


Guilherme Stecca Marcom

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161112>

CAPÍTULO 13..... 142

O ENSINO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO CAMPUS ARAPIRACA DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS: PESQUISA E INTERVENÇÃO


Adriana Nunes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161113>

CAPÍTULO 14..... 154

LEEMUSICA/READMUSIC: PROYECTO DE INNOVACION EDUCATIVA DE LA

Rosario Castañón Rodríguez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161114>

CAPÍTULO 15..... 162

PROJETO DE ENSINO CLÍNICO EM PRIMEIROS SOCORROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila de Souza Lopes

Marcos Antonio Nunes Araujo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161115>

CAPÍTULO 16..... 169

CONCEPÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Sherlany da Silva

José Roberto Gonçalves de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161116>

CAPÍTULO 17..... 180

EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA- FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM AULAS INVESTIGATIVAS

Albano Dias Pereira Filho

Nielce M. Lobo da Costa

Cynthia Souza Oliveira

Marlise Geller

Gilson Moura da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161117>

CAPÍTULO 18..... 186

INTRODUÇÃO AO ENSINO DA CURVA NORMAL: UMA EXPERIÊNCIA POR MEIO DE JOGOS COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Albano Dias Pereira Filho


Claudio de Sousa Galvão

Cynthia Souza Oliveira

Anderson Brasil Silva Cavalcante

Nielce M. Lobo da Costa


Débora Lorrane Sousa Couto



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161118>

CAPÍTULO 19..... 194

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO CAMPO: CONTRIBUIÇÕES DA AGROECOLOGIA

João Claudio Madureira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161119>

CAPÍTULO 20.....	204
EDUCAÇÃO AMBIENTAL, SOCIEDADE E SUSTENTABILIDADE	
Sheila Mayara Ribeiro do Carmo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161120	
CAPÍTULO 21.....	217
CURSO PREPARATÓRIO PARA MESTRADO E DOUTORADO: UMA FORMA DE LETRAMENTO?	
Aline Lucia Marques Pacheco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161121	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	226
ÍNDICE REMISSIVO.....	227

CONCEPÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Data de aceite: 01/11/2021

Sherlany da Silva

Licenciatura em Pedagogia, Mestre em Ciências, Tecnologia e Educação pelo Instituto Vale do Cricaré

José Roberto Gonçalves de Abreu

Resumo: Este artigo baseou-se no problema: Qual a concepção que o professor do ensino regular tem sobre o aluno com deficiência intelectual? Justifica-se a presente pesquisa pelo fato de que a inclusão desse aluno necessita de modificações comportamentais e pedagógicas dos professores de ensino regular, e, para tanto, esses professores precisam ter concepções pertinentes à inclusão. O objetivo geral foi identificar, a partir de relatos dos professores da Educação Básica, as concepções favoráveis e desfavoráveis em relação à inclusão de alunos com deficiência intelectual. O estudo desenvolvido trouxe à discussão a concepção do professor do ensino regular sobre a inclusão de alunos com deficiência intelectual. Por mais que a escola se sinta preparada, são as percepções docentes e sua prática de delineiam a inclusão. A metodologia da pesquisa foi qualitativa por meio de pesquisa de campo, do tipo entrevista semiestruturada com professores de Ensino Médio e Professora de AEE de escolas de Presidente Kennedy. Concluiu-se que o processo de inclusão perpassa por modificações arquitetônicas, documentação que subsidie as ações entre outros elementos, mas principalmente de um espaço de aceitação

e humanização.

PALAVRAS-CHAVE: Concepção. Inclusão, Professor. Humanização.

CONCEPTION OF THE TEACHER IN THE REGULAR EDUCATION FOR THE INCLUSION OF STUDENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITY IN THE CITY OF PRESIDENTE KENNEDY-ES

ABSTRACT: This present article based in the ask: What's the conception the mainstream education has about the student with intellectual disability? As a legitimate reason result of this research show it that this student needs of the pedagogic and behaviors adaptations of the mainstream education teachers about the relevant inclusion conception of this student. The general objective was identify through teachers' facts of basic education, positive and negative conceptions related about inclusion of intellectual disability student. The analysis developed bring to discussion a conception of the mainstream education teacher about inclusion of intellectual disability student. Even if the school get prepared, it's more important the teachers' perception and their teaching has the inclusion like main point. The methodology was a qualitative research and field research like interview semi-structed with high school teachers and special education teachers of Presidente Kennedy school. Concluded that the inclusion process needs to pass a lot of changes and documentation that show attitude about acceptance space and humanization.

KEYWORDS: Conception. Inclusion, Teacher. Humanization.

1 | INTRODUÇÃO

Educação Inclusiva é um tema que atualmente tem levantado várias discussões e polêmicas nos meios acadêmicos contemporâneos, devido à complexidade que o mesmo configura no campo da sua interpretação. Há muito que superou o patamar de simples modismo para tornar-se um direito sancionado de todos os indivíduos que apresentam algum tipo de “diferença” motora, física, neurológica ou outra, se comparado aos chamados indivíduos “normais”.

Nesse sentido, o presente estudo baseou-se no seguinte questionamento: Qual a concepção que o professor do ensino regular tem sobre a inclusão do aluno com deficiência intelectual?

Destaca-se que muitas foram as reformas ocorridas no Brasil em relação ao que se pretendia configurar como inclusão dos deficientes, entretanto, os investimentos foram lentos, principalmente no que tange à preparação dos professores e do espaço físico para receber esta demanda de alunos, já que “as políticas educativas partem da noção de que a escola é espaço de ensino, mas antes de tudo de promoção de justiça social” (OLIVEIRA, 2013, p. 17).

Justifica-se, a presente pesquisa, pelo fato de que a inclusão do aluno com DI necessita de modificações comportamentais e pedagógicas dos professores do Ensino Médio regular, haja vista que estes são de áreas do conhecimento específico e sua formação se direciona aos conteúdos que desenvolve com os alunos. Outra justificativa é que os cursos de formação ofertados pelo estado se direcionam à Educação especial em âmbito geral, não especificando a Deficiência Intelectual, público-alvo deste estudo.

Tendo em vista que a prática de inclusão tem sido bastante incentivada, sem que suas inferências sejam suficientemente conhecidas, torna-se essencial estudar as concepções dos professores acerca da inclusão dos alunos com deficiência intelectual.

O objetivo geral é identificar, a partir de relatos dos professores da Educação Básica, as concepções em relação à inclusão de alunos com deficiência intelectual no Ensino Médio regular.

Assim, na educação, a inclusão tem sido mencionada a movimentos de ordem legal, organização escolar e práticas pedagógicas (PADILHA, 2017). Para a autora, a inclusão vem para alavancar uma nova organização na escola em seus aspectos legais, estruturais e pedagógicos para favorecer a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Apesar de o documento a que nos mencionamos ser de 2010, ainda hoje, as escolas encontram obstáculos nesse processo.

Barroco, Leonardo e Silva (2012) declararam que o que ocorre nas escolas é uma pedagogia da exclusão, pois quando o indivíduo não consegue a sua inclusão legítima, desejada, a culpa é dele e de suas imperfeições.

Os autores especificam que em muitas situações do contexto escolar, o aluno

com necessidade educacional especial não consegue seguir no ensino regular e nada é realizado nesse sentido, desenvolvendo a exclusão, na verdade. Importante que se explane, que nessas situações, a não evolução o acompanhamento e o apoio da série em que o aluno está matriculado, se deve à falta de inúmeros recursos, desde a estrutura física, quanto pedagógica

Carneiro (2013) determinou inclusão como um movimento da sociedade voltado para produzir a igualdade de possibilidades para todos e que a Educação Inclusiva é um método com base em políticas articuladas que impedem qualquer forma de segregação e afastamento.

Para algumas instituições escolares, inclusão consiste simplesmente em efetuar a matrícula do aluno com deficiência, tê-lo em classe regular, mesmo que este não participe das mesmas atividades dos demais. Ainda que o aluno com deficiência possa se favorecer e aos demais, em classe comum, existem aqueles que demonstram um grau de dificuldade maior que não se beneficiarão da mesma oportunidade que a instituição escolar oferece, porque necessitam unicamente de outros recursos que a escola não consegue proporcionar (OMOTE, 2004).

A pesquisa de campo envolveu entrevistas semiestruturadas direcionadas a 04 professores de áreas específicas diferentes, atuantes no Ensino Médio, atuantes em escolas do município de Presidente Kennedy-ES.

2 | METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se em qualitativa e descritiva, realizada por meio de entrevista semiestruturada. Com base na finalidade proposta nesta pesquisa, foi necessário identificar professores do ensino médio que tivessem alunos com deficiência intelectual em sala de aula.

O primeiro passo foi enviar o projeto de pesquisa ao administrativo da escola estadual para a obtenção da anuência da instituição para efetivação da pesquisa.

A segunda etapa foi o mapeamento da escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio (1º ao 3º Ano EM).

Em contato com o diretor de Escola Estadual do Município de Presidente Kennedy-ES, foram adquiridos dados sobre a mesma que possuíam alunos com deficiência intelectual, matriculados no Ensino Médio. Tais conhecimentos foram disponibilizados, posteriormente, pelo setor pedagógico da escola. No material recebido desse setor, comprovava a relação dos alunos com deficiência intelectual, por série, em que estavam matriculados. A escola possui 10 turmas de ensino médio vespertino e três turmas no noturno e a sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A partir desta comprovação, foram empregados os seguintes parâmetros de inclusão: 1) estar atuando em sala de aula no ensino regular, no Ensino Médio; 2) trabalhar

em sala com aluno que tenha deficiência intelectual; 3) dispor-se a participar da pesquisa.

O terceiro passo foi o regresso a essa escola selecionada para entregar o projeto aos professores que possuíam alunos com deficiência intelectual matriculados em suas respectivas salas e gestor escolar, para verificar a disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Neste mesmo dia, foi pedido aos professores que avisassem quando seria possível a pesquisadora realizar a entrevista. Afirmou-se, inicialmente, à direção da escola estadual, na qual havia três turmas com alunos com deficiência intelectual, sendo que só alunos de duas turmas frequentavam o AEE. Os alunos com deficiência intelectual frequentavam o primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio.

Apartir desses critérios, participaram da pesquisa quatro professores que trabalhavam na escola estadual, atuando no Ensino Médio, sendo que, deste grupo, três trabalhavam em todas as turmas (P1, P2, P3) e P4 em uma turma. Destes quatro professores, apenas um não possui especialização em Educação Especial (P2).

3 | ANÁLISE

A primeira ideia que se atinge em relação ao tema estudado é a possibilidade de vivenciar o conhecimento científico em inclusão do portador de necessidades especiais no contexto escolar e as inúmeras dificuldades existentes por parte dos professores que trabalham com esses alunos, devido à falta de qualificação.

Quanto ao diagnóstico dos indivíduos especiais, o correto é que não fosse feito ou mesmo detectado pela escola, como ocorre muitas vezes, mas que a família considerasse o problema e buscasse o diagnóstico correto junto a uma equipe multiprofissional. Mesmo que se compreenda que este diagnóstico seja inicial, já que essa ação é contínua, que vai desde a identificação, passando pelo encaminhamento, entre outros.

O maior desafio, acredita-se que o inicial, é esta aceitação da condição de os alunos especiais, por parte da família. Percebe-se a inclusão dos especiais em classes regulares como um verdadeiro exercício da cidadania, que envolve direitos civis, políticos e sociais. Tanto a família, quanto a comunidade e a escola, devem oferecer reais condições às pessoas especiais, possibilitando o desempenho de seus papéis na sociedade como pessoas humanas, sensíveis e com potencialidades e diferenças especiais.

Nesse âmbito, a competência do professor nessa educação atual não deve se resumir à parte burocrática somente, mas sim ser construída para estar atuando em uma escola inclusiva, sempre mediada pela ética numa postura investigadora, reflexiva, como ser em constante construção e inacabado, comprometido e competente para desenvolver estratégias diferentes de ensinar adequando-se às diferenças de seus alunos aprendizes sempre com ideais democráticos de uma educação para todos. Pior que as barreiras físicas são as barreiras atitudinais que são encontradas nas escolas e na sociedade. Esta é uma grande resistência.

Na realidade, o especialista em Educação Especial fará, na ausência de outro profissional especializado na área, a assistência a esses alunos portadores de necessidades especiais, bem como às suas famílias e aos demais alunos, afinal, a implementação da escola inclusiva não é um sonho impossível, mas que precisa romper as resistências e refletir sobre este comprometimento que existe na sua concretização.

Não adianta pensar que incluir é colocar apenas o deficiente na sala de aula e tentar conviver com essa realidade. É muito mais. É compreender que a educação inclusiva não pode ser discriminatória, exclusiva. Deve-se entender que toda criança é um sujeito singular, único, social e histórico de direitos, principalmente o direito de ter acesso à educação.

É preciso que o docente mude a forma de olhar a educação, e com ela a inclusão, deixar “cair” tantas barreiras. Tornar as dificuldades em possibilidades, mudar as posturas de alguns colegas que ainda não entenderam que o princípio da inclusão é um desafio, não apenas da escola, como de toda a sociedade (ARRUDA.; CASTANHO, 2015).

Na realidade, o educador prestará assistência não somente aos alunos portadores de necessidades especiais, ele necessitará trabalhar nas turmas em que esses alunos estão, junto aos demais, a aceitação do outro com suas diferenças, por isso, a educação inclusiva precisa estar sempre atenta e aberta para a diversidade, para o diferente.

Refletir sobre a inclusão significa mudança de atitudes, de paradigmas e de idealizar um aluno como se todas as pessoas fossem iguais e não fossem seres históricos e contextualizados. Para isso, é relevante que o professor seja um profissional que conheça a Educação Especial, suas especificidades. Isso requer a formação continuada, e não apenas aquela que demanda uma semana, um mês, um período determinado (GLAT, R. PLETSCH, 2012).

É preciso uma formação permanente, desenvolvida pela Secretaria Municipal ou mesmo por outro órgão, mas subsidiada por ela, e que “prepare” os docentes, literalmente, tanto no aspecto da teoria, quanto a prática. Pois os mini cursos promovidos até a atualidade se preocupam muito com a teoria e com a elaboração de projetos, mas quando o professor rege uma turma com alunos especial não sabe como agir na prática.

Cabe pensar que a capacidade de muitos educadores deve ser ampliada para estar engajados neste processo que deve ser responsável, pois não basta “jogar” a criança deficiente na escola regular e não oferecer a ela subsídios que atendam às suas necessidades. É por isso que o processo de inclusão não acontece do dia para a noite, mas uma coisa é possível idealizar, ela pode já estar acontecendo e é acontecendo a inclusão que ela pode se corporificar e ir quebrando as resistências (CARVALHO, 2011).

O novo, para o docente, deve ser algo a ser vencido. Nesse caso, trabalhar com alunos especiais, com uma inteligência além do que se costuma trabalhar, em turmas de ensino regular representa projetos desenvolvidos, material diferenciado, dinamismo, planejamento que possa envolver a todos e a formação.

Trabalhar de forma improvisada ou desenvolver um planejamento homogêneo não

culminará no alcance dos objetivos e na aprendizagem, mas numa realidade lamentável, que já se encontra incorporada às salas de aula, onde alunos com altas habilidades se tornam desmotivados, colocados à margem da sala, ao invés de estimulados a avançar cada vez mais.

A primeira versão do roteiro para a entrevista foi realizada pela pesquisadora com a finalidade de procurar informações que respondessem ao objetivo da pesquisa.

A coleta foi realizada em uma sessão, sendo uma entrevista semiestruturada, com a autorização prévia da direção da escola e dos entrevistados (professores do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Presidente Kennedy). Apesar de aceitarem participar, conforme apresentado à pesquisadora, os nomes dos professores entrevistados estão descritos no texto deste estudo sem a identificação, ou seja, de maneira fictícia, apenas pelas siglas: P1, P2, P3 e P4; onde, a letra P significa Professor e os números subsequentes correspondem a ordem em que participaram.

A entrevista com os quatro professores do Ensino Médio aconteceu durante os meses de julho a agosto de 2019 e foram realizadas na escola onde cada um deles ministrava aulas, em uma sala de professor durante o RA e o PL (Reunião de Área e Planejamento). As quatro entrevistas aconteceram em um mesmo período: vespertino.

A tabela, a seguir, refere-se à data e a duração de cada uma das entrevistas.

Participante	1º encontro	Duração
P1	01/07/2019	41 minutos
P2	22/07/2019	32 minutos
P3	01/08/2019	30 minutos
P4	12/08/2019	28 minutos

Tabela 2 - Data e duração das entrevistas

Fonte: Elaborada pela autora (conforme Apêndice B).

As entrevistas tiveram duração mínima de 28 minutos e máxima de 41 minutos.

Antes do início de cada entrevista, a pesquisadora incluiu o prefácio, ou seja, concedeu informações para o entrevistado, como: objetivo da pesquisa, compromisso com a divulgação dos resultados, anonimato dos participantes. Em seguida, entregou, a cada entrevistado, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que, após lido e caso concordasse, deveria assinar.

Todas as entrevistas foram registradas em áudio, com o uso de um aparelho celular. A pesquisadora tinha o roteiro em mãos, mas as perguntas foram acordadas em tom de diálogo.

Após a entrevista, a pesquisadora comunicou aos entrevistados que retornaria à escola, caso houvesse algum impasse com o áudio ou dúvida, no momento da transcrição,

o que foi aceito por todos. Dessa forma, as questões serão transcritas e, em seguida, a sua respectiva resposta transcrita. Foram 10 perguntas direcionadas aos professores.

Apresentaremos as sete questões da pesquisa, que iniciam na de número 1 e se encerram na questão 7. Conforme explicado nesta seção, as respostas foram transcritas fidedignamente, ou seja, da maneira como os entrevistados externaram à pesquisadora e, em seguida, realizou-se uma breve análise para, posteriormente, serem feitas as discussões acerca da pesquisa in loco.

A questão 1, em que a pesquisadora insere: “Qual a necessidade da ação inclusiva em âmbito educacional?” os professores entrevistados responderam:

P1: É necessária para assegurar o direito de Educação para todos, independentemente, de sua condição física ou mental.

P2: Acredito que os alunos devem conviver entre si, na escola, pois na sociedade estarão juntos, por isso já devem manter o contato de deficientes e não deficientes.

P3: A necessidade é mostrar à sociedade que a escola é um espaço social e para todos os cidadãos.

P4: Penso que todos os cidadãos podem viver em sociedade e a escola é um espaço social comum e deve estar preparada para todos.

Cada professor indicou seu posicionamento em relação à necessidade de a escola adotar a ação inclusiva, e tal ação deve integrar o contexto educacional não apenas como forma de aprender, mas também como meio de integrar os alunos deficientes, ou não, num espaço conjunto, pois fora da escola os cidadãos compartilham de outros espaços sociais, como igreja, hospitais, e outros e precisam estar preparados. Assim, a escola pode ser um espaço de aprendizagem em relação à convivência com o outro.

A 2ª questão envolve algo bastante relevante ao professor: “Há, no município, formação especializada para o professor trabalhar com deficientes? Como você percebe isso?”

P1: O município sempre oferta esse tipo de formação, mas é muito geral, mais explicando sobre as deficiências, não orientando como trabalhar em turmas regulares.

P2: Sim, o município de Presidente Kennedy oportuniza formações aos professores na área de Educação Especial, mas o que se percebe é que são passados mais leis e conceitos. Nós que trabalhamos com Ensino Médio necessitamos de estratégias de ensino, métodos pedagógicos que nos ajudem.

P3: Com certeza, o município sempre traz cursos de especialização e cursos de extensão em Educação Especial, eu mesma já fiz vários. Só que falta mais específicos, tipo, como o professor pode trabalhar com alunos da Educação Infantil, do Fundamental e do Ensino Médio separadamente, ou seja, cada nível de ensino é diferente e o curso geralmente é junto, para todos os docentes.

P4: Sim, mesmo com pouco tempo de experiência, já fiz cursos e sei que antes também davam formação voltada à Educação Especial. Acho muito

importante, mas queria aprender também a como trabalhar em sala, na minha disciplina, com alunos com DI. Tenho muitas dúvidas.

Constatamos, pelas respostas, que os professores já participaram de formação, mas que faltam cursos específicos para o Ensino Médio e por área de conhecimento. Essa ação não é impossível de ser viabilizada, requer planejamento das escolas e da secretaria de educação.

Na pergunta de número 3, a entrevistadora investiga: “Você se considera preparado para incluir pessoas deficientes (DI) em sala regular? Comente”. Ao que cada docente respondeu:

P1: Não. Os alunos estão em sala, mas não sei adaptar os conteúdos de Matemática de Ensino Médio para eles. Quando tenho tempo, imprimo em casa atividades infantis bem simples e dou folha para fazerem, que nem fazem, porque não dá tempo de auxiliar, pois os alunos sem deficiência chamam para tirar dúvidas e não dá tempo de atender a todos.

P2: Em termos. Só em relação à socialização, pois o conteúdo de Química é complexo até para os sem DI. A professora da sala de AEE tenta ajudar, mas o tempo não é suficiente.

P3: Sim. Em Geografia consigo adaptar alguns jogos, quebra-cabeça, pintura e desenhos de alguns conteúdos. Sei que esses alunos não aprenderão 100% da matéria, mas o que eu e a professora de AEE fazemos já ajuda.

P4: Mais ou menos. Pois os conteúdos de Língua Portuguesa de Ensino Médio já são avançados para esse público, mas dentro das possibilidades e do tempo disponível fazemos atividades básicas de alfabetização, que é o nível dos especiais que temos.

Percebemos que a maioria, três professores, ainda tem dúvidas quanto à inclusão, pois não significa apenas manter o aluno no espaço da sala de aula, mas adaptar os conteúdos necessários a ele. Isso requer planejamento junto à secretaria de educação, ao pedagogo e à professora de AEE. Apenas a professora de Geografia se manifesta como “sim”, conseguir realizar essa inclusão.

Os 04 professores foram convidados a enumerar, na questão 4, “as 03 maiores dificuldades encontradas para incluir o deficiente no ensino regular”. Entre as opções, estavam: Conhecimentos, Iniciativas políticas, Equipe Multidisciplinar, Adaptações Curriculares, Apoio familiar, Capacitação e Material didático

P1: Adaptações Curriculares, Conhecimentos e Equipe Multidisciplinar

P2: Conhecimentos, Material didático, Equipe Multidisciplinar

P3: Conhecimentos, Equipe Multidisciplinar, Material didático

P4: Equipe Multidisciplinar, Iniciativas políticas, Material didático

A partir das opções indicadas, percebemos que todos apontaram “conhecimento e equipe multidisciplinar” e 03 dos entrevistados “material didático e equipe multidisciplinar”. Essas respostas marcam as necessidades dos docentes para a melhoria de sua prática,

bem como a instrumentalização da inclusão nas escolas. Apenas 01 apontou “iniciativas políticas” e 01 “adaptações curriculares”, que também são ações relevantes ao processo inclusivista escolar.

Na pergunta 5 “Você conhece alguma instituição ou programa que atenda alunos com DI? Se sim, qual?”

P1: Sim. APAE.

P2: Sim. APAE.

P3: Não.

P4: Não.

Os docentes P1 e P2 indicaram a instituição APAE como responsável por atender alunos com DI, o que ocorre em contraturno. Já P3 e P4 não souberam responder, o que deduzimos como falta de conhecimento sobre o atendimento ou por não lembrarem no momento da entrevista.

Em relação à 6ª questão “Você acha que as escolas em que trabalhou/trabalha estão preparadas para incluir os alunos com DI? Comente.”

P1: Em parte. Pois falta estrutura, recursos e professores auxiliares em nosso apoio.

P2: Não totalmente. Precisa se estruturar melhor, principalmente no Ensino Médio, pois os professores possuem outra dinâmica de ensino e os alunos com DI precisam de alfabetização.

P3: Em alguns aspectos, sim. Mas na maioria não. Precisam estruturar seu espaço, ter mais recursos didáticos e professores que auxiliem os regentes.

P4: Não. Apenas, em parte, na socialização, pois os alunos com DI não conseguem acompanhar as aulas.

Podemos afirmar que as escolas, conforme a visão dos entrevistados, não estão preparadas para a inclusão dos alunos com DI, pois estes estão em sala, mas não há integração nas aulas, na participação e, assim, também fica inviável que os alunos sem deficiência estejam junto a eles. Seria preciso mais estudos e formas variadas que incluir os deficientes intelectuais nas aulas, através de projetos que viabilizem sua aprendizagem, participação e socialização junto aos demais.

A questão 7 interroga os professores se, cada um, “Seria capaz de descrever o que poderia proporcionar a inclusão de alunos com DI em classes regulares de escolas do município de Presidente Kennedy?”

P1: Investimento em políticas públicas: infraestrutura das escolas, preparação dos professores e adaptação do currículo para esses alunos especiais.

P2: Apenas os com DI leve e moderada poderiam estar incluídos, com recursos didáticos, equipe multidisciplinar nas escolas e formação específica dos professores do Ensino Médio.

P3: Mais professores em sala, professores auxiliares, equipe multidisciplinar

por escola e recursos didáticos.

P4: Eu penso que mais formação específica, um profissional para ficar em sala com os professores regentes e uma equipe de profissionais na escola para ajudar.

Compreendemos, através das respostas, que a infraestrutura é um ponto forte. Outra situação indicada são os recursos didáticos, pois sabemos que os alunos especiais com DI não aprendem o mesmo e nem ao mesmo tempo que os sem deficiência. E um aspecto citado por três entrevistados foi a inserção/contratação de mais professores auxiliares nas turmas. Isso seria bastante vantajoso, se bem trabalhado pela escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas são instituições que auxiliam de forma relevante à expansão da democracia, nos processos de gestão e organização da sociedade. Todavia, isso tudo pode ainda significar pouco, particularmente, se o princípio democrático não estiver sustentando a organização dessas estruturas de construção de saber; haja vista que pouco vale se falar em democracia, se não há disposição de todos os autores envolvidos no contexto escolar, na edificação de espaços para o diálogo, nos quais todos, independentemente de condição social ou vínculo com a educação, possam participar, opinando e tendo suas ideias ouvidas e respeitadas.

Observamos que os espaços ainda estão em fase de adaptação, mas muitos, conforme ilustrados na pesquisa. A gestão procura, a cada ano, realizar as mudanças necessárias visando atender não somente os alunos com deficiência, mas pais, pessoas da comunidade escolar e pessoas externas. Também se projeta dar acessibilidade a profissionais que venham a pleitear vaga de emprego futuramente.

Quanto à finalidade principal do estudo, que se remete a compreender os processos relacionados à concepção dos docente em relação à Educação Especial, e a sua vivência e experiência neste processo, caracterizado pelas atitudes coerentes praticadas no ambiente escolar, com observância à construção de um modelo de gestão democrática, o resultado da pesquisa mostrou, de forma unânime, o desejo de que todos se entendam como parte do processo educacional, independentemente das diferenças; entretanto, a participação deve partir da motivação do gestor e da colaboração de toda a escola. Enquanto mestranda entendeu-se que é preciso estar preparada para a docência, mas principalmente para os desafios que a realidade da escola pode proporcionar, uma vez que a ideia que se tem de que adentrar a escola planejar e colocar os ensinamentos em prática requerem, necessariamente, uma ação humanizadora, afetiva e principalmente inclusiva, de forma que as diferenças não se sobressaiam, mas sejam compreensíveis entre os alunos.

Entende-se, após todas abordagens e pesquisas, que se deve ampliar um estudo no sentido de analisar a formação docente, se ela prepara os professores para esse olhar humanizado e inclusivo ou se trabalha apenas superficial e teoricamente.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, I.V.; CASTANHO, M.I.S. **Inclusão de alunos deficientes mentais em escolas regulares:** sentidos produzidos por professoras de escolas regulares e especial. Construção pedagógica. v.23.n. 24. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542015000100003>> Acesso em 20 abr 2020.

BARROCO, S.M.S.; LEONARDO, N.S.T.; SILVA, T.S. **Educação Especial e Teoria Histórico Cultural:** em defesa da humanização. Maringá: EDUEM, 2012.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone - **Educação Inclusiva na Educação Infantil.** Práxis Educacional, Vol 8, No 12 (2013) Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/735> Acesso: 21 de nov. 2020.

CARVALHO, R. E. Formação continuada por meio da consultoria colaborativa: compromisso com o ensino-aprendizagem de todos os alunos. In: MENDES, E. G; ALMEIDA, M. A (Org.). **A pesquisa sobre inclusão escolar em suas múltiplas dimensões:** teoria, política e formação. Marília: ABPEE, 2011. p. 247-262.

GLAT, R. PLETSCH, M. D. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais.** 2. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MENDES, E.G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. IN: MANZINI, E.J. (Org.). **Inclusão e acessibilidade.** Marília: ABPEE, 2004.

OLIVEIRA, D. A. Política educativa, crise da escola e a promoção de justiça social. In: FERREIRA, E. B.; OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Crise da escola e políticas educativas.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

OMOTE, S. (Org). **Inclusão:** intenção e realidade. Marília: Fundep, 2004.

PADILHA, A.M.L. (Org..). **Educação para todos:** as muitas faces da inclusão escolar. Campinas, SP: Papirus, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes traumáticos 162

Agroecologia 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Aprendizagem 14, 15, 18, 19, 22, 25, 26, 28, 38, 43, 44, 45, 46, 73, 74, 75, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 99, 106, 107, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 138, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 174, 175, 177, 179, 181, 185, 187, 188, 205, 207, 208, 209, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Atividade investigativa 87, 180, 184

C

Competência investigativa 79

Concepção 20, 41, 49, 53, 85, 89, 109, 127, 146, 169, 170, 178, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 219, 220, 221, 224

Curso de Pedagogia 102, 121, 128, 129

D

Dados 15, 23, 24, 26, 37, 41, 82, 83, 86, 87, 89, 96, 97, 103, 107, 108, 116, 118, 130, 133, 134, 135, 136, 149, 150, 151, 152, 171, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 210, 213, 214, 222

Decolonialidade 48, 49, 50

Didactic engineering 61, 62, 63, 71

Diferenças de desempenho 130, 132, 133, 138

Dispositivos móveis 1, 2, 3, 4, 6, 10, 13, 156

Docente e gestor educacional 121, 123, 126

E

Educação ambiental 204, 205, 206, 213, 214, 215, 216

Educação básica 14, 15, 18, 23, 24, 74, 99, 121, 122, 123, 128, 169, 170, 181, 182, 185, 187, 226

Educação do campo 122, 194, 195, 196, 197, 201, 202, 203

Educação estatística 180, 185

Educação inclusiva 14, 22, 27, 29, 96, 100, 104, 170, 171, 173, 179

Educação matemática 181, 185, 186, 193, 226

Educação musical 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Educação profissional 122, 142, 143, 152, 153, 194, 195, 196, 197, 202, 203

Educación infantil 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160
ENEM 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141
Ensino-aprendizagem 43, 75, 79, 85, 90, 106, 112, 117, 119, 126, 142, 148, 149, 165, 166, 167, 179, 205, 209, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225
Ensino superior 79, 80, 90, 91, 123, 131, 143, 167, 217, 221, 226
Ensino técnico 142, 143, 144, 147, 148, 149
Escolas 15, 16, 17, 22, 25, 26, 27, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 121, 122, 123, 142, 143, 167, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179
Estudiantes de ingeniería 1, 4, 9, 10, 11

F

Fonoaudiologia educacional 92
Fonte histórica 73
Formação continuada 27, 173, 179, 180, 182, 184, 193
Formação inicial 89, 121, 123, 127, 128
Fórum Municipal 31, 32, 38, 41

G

Gênero textual 58, 111, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223
Geografia 43, 44, 45, 46, 81, 102, 121, 176, 206

H

História 52, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 94, 104, 105, 114, 115, 121, 139, 140, 142, 152, 198, 201, 202, 203, 204, 207, 208
Humanização 58, 94, 169, 179

I

Imagem 73, 76, 77, 114, 116, 132, 215
Inclusão 14, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 84, 92, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 179
Innovación 4, 10, 11, 13, 154, 155, 157, 158, 159, 160
Internet 7, 8, 10, 32, 33, 43, 44, 45, 83, 85, 87, 90, 91, 110, 115, 223

J

Jogos 19, 21, 22, 82, 176, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 192

L

Leitura 50, 54, 55, 58, 75, 77, 99, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 207, 219, 223, 225

Lenguaje musical 154, 155, 156, 160

Letramento 98, 101, 108, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 153, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226

Literatura 48, 49, 96, 115, 120, 133, 147, 215

Livro didático 29, 73, 74, 76

M

Mathematics 2, 61, 62, 64, 69, 70, 71, 139, 181, 186

Métodos ativos 14, 15, 18, 24, 25, 26, 27, 28

Microprojects 61, 62

N

Notícia jornalística 106, 110, 113, 116, 117, 119

P

Pandemia COVID-19 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Plano Municipal de Educação 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41

Política educacional 31, 32, 33, 35

Prática de produção de textos 106

Primeiros socorros 162, 163, 164, 165, 166

Probabilidade 134, 180, 185, 186, 187, 190, 192, 193

Processo ensino-aprendizagem 75, 79, 126, 142, 148

Professor 17, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 43, 73, 74, 83, 85, 87, 89, 94, 96, 97, 98, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 118, 121, 122, 144, 146, 149, 152, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 183, 187, 188, 205, 208, 209, 221, 222, 223, 224, 225, 226

Projeto de pesquisa 142, 143, 147, 149, 171, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Q

Questões de física 130, 139

R

Redes sociais 79

Roteiro 43, 44, 45, 46, 116, 174

S

Sequência didática 106, 111, 112, 113

Sexo 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138

Sociedade 15, 17, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 52, 53, 56, 57, 85, 86, 87, 92, 96, 103, 107, 108, 111, 113, 114, 117, 119, 124, 127, 132, 137, 138, 145, 164,

171, 172, 173, 175, 178, 187, 195, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 220, 224

Suporte básico de vida 162, 163

Sustentabilidade 194, 204, 205, 207, 212, 213, 214, 216

T

Tecnologia de groupware 79, 81, 82, 83, 86, 88, 89, 90

Tecnologia digital 44, 79, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 153

TIC 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 84, 154, 155, 156, 158

V

Viagem 43, 44, 45, 46

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação

enquanto fenômeno social:


Democracia e emancipação humana


5





Atena
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

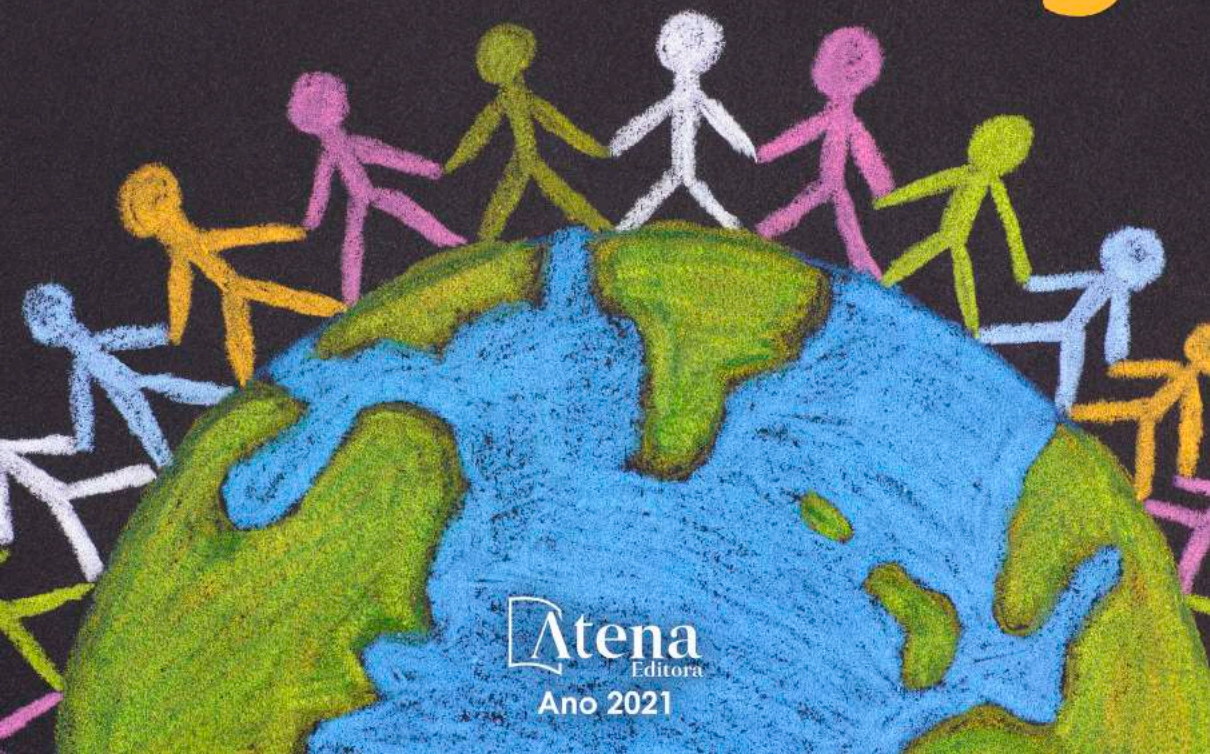
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

5



 **Atena**
Editora
Ano 2021